

## **PABLO GONZALEZ CASANOVA: EL DON, LAS INVERSIONES EXTRANJERAS Y LA TEORIA SOCIAL: una crítica que atraviesa las fronteras temporales**

**Paulo Henrique Martins<sup>1</sup>**

Gonzalez Casanova sempre foi um autor pioneiro e original nas suas reflexões. Neste texto praticamente desconhecido do grande público e que foi originalmente publicado em 1957 ele demonstra mais uma vez este pendor de originalidade. Ou seja, ele introduz a teoria da dádiva para repensar os investimentos estrangeiros num momento em que o pensamento latino-americano estava se transmutando entre, por um lado, as críticas cepalinas à deterioração das trocas econômicas internacionais e, por outro, as críticas sociológicas que se abriam para as emergências das teorias das dependências que vigoram nos anos sessenta e setenta. Num momento em que a crítica pós-colonial cepalina inspirada sobretudo no raciocínio econômico ainda estava começando a fazer efeitos sobre a construção social e política da realidade latino-americana – que vai se concretizar com o fortalecimento do estado desenvolvimentista – Gonzalez Casanova introduz outros elementos de reflexão que têm a ver com o caráter dos contratos internacionais e com as possibilidades das ciências sociais de explicarem as relações internacionais pela incorporação de elementos extraeconômicos que têm a ver com a leitura maussiana da realidade como fato total.

Assim, a contribuição do autor se efetiva, sobretudo pela busca de trazer novos recursos teóricos que facilitem o entendimento da complexidade das relações centro-periferia na América Latina. Neste sentido, como se percebe na leitura da obra, a discussão dos investimentos internacionais serve, sobretudo, como pretexto para uma crítica epistemológica importante das teorias simplificadoras da realidade social. Para isso, o autor busca explorar sociologicamente a dádiva num momento em que a antropologia estrutural levi-straussiana parecia monopolizar teoricamente os estudos sobre o dom na Europa numa abordagem que esvaziava a política e a prática social. Assim, não deixa de ser admirável a perspectiva de

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). [pahem@terra.com.br](mailto:pahem@terra.com.br)

introdução da abordagem maussiana do dom para se analisar a complexidade dos desafios teóricos e práticos das relações centro-periferia naquele contexto da América Latina.

Sobre os usos da dádiva no texto, lembra o autor que seu objetivo foi resolver um problema de teoria social no que diz respeito ao tema da modernização periférica e a partir da consideração de dois fenômenos que ele considera similares: as doações das sociedades agrárias e os investimentos estrangeiros da sociedade capitalista. É de se notar que Casanova já investe de imediato naquilo que é central em Mauss, a saber, a ideia da sociedade como fenômeno social total. Esta assertiva não somente nos convida a integrar um entendimento complexo da realidade social, mas nos permite igualmente entender que a vida social não pode se reduzir somente ao seu aspecto econômico, devendo ser consideradas todas as dimensões ritualísticas, morais, estéticas e políticas que contribuem para a organização do contrato comunitário e social. Assim, diz Casanova, repetindo Mauss,

Lo que se cambia no son exclusivamente bienes y riquezas, muebles e inmuebles, cosas económicamente útiles. Se cambian sobre todo cortesías, festines, ritos, servicios militares, mujeres, niños, danzas, fiestas, ferias, en las que el mercado no constituye sino un momento, y en las que la circulación de las riquezas no es sino uno de los términos de un contrato mucho más general y mucho más permanente (MAUSS, 1950, p. 150-151 apud CASANOVA, 1957, p.15; 2013, p. 230).

Ao lado do entendimento da sociedade como um fenômeno social total, Casanova introduz em seguida outro postulado do pensamento maussiano que é central para o entendimento de sua obra, a saber, que as prestações e contra-prestações entre pessoas morais que chamamos de dádivas, são apenas na aparência gratuitas. Na prática estas prestações são obrigatórias como o demonstram os contratos em civilizações arcaicas, mas que persistem até os dias atuais:

De otra parte Mauss hizo ver que los cambios y contratos que se hacen en forma de regalos son voluntarios nada más simbólicamente. En realidad tanto el dar como el devolver, son actos obligatorios. El don tiene la apariencia de ser un acto gracioso - un regalo, como parece indicarlo su nombre- pero en realidad es un modo de intercambio interesado y obligatorio. Los participantes guardan las formas voluntarias del don y reconocen el fondo rigurosamente obligatorio del intercambio” (CASANOVA, 1957, p.16; 2013, p. 230).

Finalmente, ele trás um terceiro elemento revelador da abordagem maussiana que é o de problematizar a atualidade dos estudos sobre a dádiva para as sociedades contemporâneas

nas quais as pessoas morais convivem com a emergência tensa das pessoas individuais. Casanova reconhece que no *Ensaio sobre a Dádiva* Mauss não aprofundou a análise da dimensão simbólica da liberdade como dispositivo de promover o que separa e o que excede. No entanto, esclarece ele que Mauss estava atento ao fato que nas sociedades ocidentais contemporâneas a emergência do individualismo moral constituía um ponto de tensão na manutenção dos sistemas de obrigação solidária entre pessoas morais. De fato, nos seus estudos ele procurou atualizar o valor da obrigação da generosidade mútua como sendo um elemento fundamental para o entendimento das relações sociais coletivas e individuais na atualidade e, em particular, para a compreensão da sociedade civil. Nestas sociedades – e este é um tema recorrente na trajetória de Mauss guardando coerência com os postulados da escola francesa de sociologia – o tema do individualismo é fundamental para se entender a liberdade, hoje. Mas tal noção de individualismo não pode ser visto como algo fora da sociedade como o propõe o liberalismo clássico. Ao contrário, a presença dos indivíduos ou das pessoas individuais deve ser permanentemente apreciada no contexto das relações objetivas entre pessoas morais coletivas dentro de uma sociedade.

Casanova procura explorar este fenômeno da integração e da separação do dom - a partir das tensões entre obrigação e liberdade -, para aplicá-los nos estudos dos investimentos estrangeiros na América Latina. Assim, ele espera, a partir da atualização do fenômeno do fato social total, trazer esclarecimentos sobre as separações que marcam a atualidade. São exemplos aquelas entre sociedade e cultura ou entre sociedade e conhecimento, ou então aquelas resultantes da divisão social do trabalho. Em particular, para explorar o tema dos investimentos estrangeiros, aparece central para o autor lembrar a separação entre comunidades com interesses contrários que, para ele, é uma tensão presente na obra de Mauss.

Con lo anterior nos hallamos en la posibilidad de comparar, tanto la síntesis “inmediata” del don considerado como fenómeno social total, en la acción y en la conciencia, como la separación o el análisis que se hace de un acto obligatorio expresado sintética y formalmente como voluntario, con un fenómeno contemporáneo que en cierto modo es el equivalente del intercambio entre comunidades distintas esto es con las inversiones extranjeras y en particular -por su mayor parecido - con los llamados “dones de capital”(MAUSS, 1950 apud CASANOVA, 1957, p. 20; 2013, p. 235).

Então a partir do dom o autor vai aprofundar a discussão sobre o sentido dos investimentos estrangeiros que para ele devem ser estudadas como um fenômeno social total na medida em que mobiliza vários elementos da sociedade onde se manifesta interativamente. Para ilustrar sua exposição Casanova recorre ao “Plano Marshall” que foi aplicado no pós-guerra para apoiar a reconstrução da Europa. Segundo ele este plano não se restringiu a uma cooperação econômica, mas teve impacto em vários níveis de organização da política e da cultura. Havia no Plano Marshall um sentido de dar receber e retribuir que buscava implicar a opinião pública:

“El Plan Marshall ha puesto en movimiento, tanto una corriente de bienes como una corriente de ideas”. Y, en efecto, en la formulación y ejecución del Plan Marshall se advierten acciones e ideas –relacionadas entre sí– sobre la recuperación europea, la expansión económica norteamericana, la asistencia técnica, la diplomacia, los partidos políticos, la formación de líderes europeos en los Estados Unidos, los programas de “La Voz de América”, la paz, la independencia” y el sometimiento de los países europeos, el impacto sobre la cultura europea, las resistencias de la opinión pública norteamericana, las actitudes mesiánicas y las manifestaciones de la política de “pídele caridad a tu vecino”, etc.(CASANOVA, 1950, p. 21; 2013, p. 236)

Assim, insiste o autor, um tema como o dos investimentos estrangeiros não pode ser analisado somente pelo seu impacto econômico, devendo ser considerado o conjunto de elementos políticos, culturais, morais, estéticos, morfológicos e outros que exigem uma ação e uma análise integral. Para ele, reforçando o pioneirismo de uma crítica anti-utilitarista a partir da América Latina, o econômico não se sustenta sozinho e, por conseguinte, a política – a favor ou contra os investimentos – exige uma ação integral. Nesta, afirma, parodiando Mauss (CASANOVA, 1957, p.23/ 2013, p. 238), o mercado de capitais é somente um momento de um contrato muito mais amplo e permanente. A partir deste entendimento dos investimentos estrangeiros não como um fato econômico isolado, mas como um fenômeno total, Casanova entende ser importante aprofundar a comparação entre o dom primitivo e o dom de capitais ou de investimentos estrangeiros na atualidade para se entender suas convergências e divergências, como se observa no quadro exposto nas páginas 24 a 25 do texto original (2013, p. 239 a 243). Basicamente, a separação que o autor introduz entre os dois fenômenos é o da complexidade da divisão do trabalho. Para ele esta separação traz novos desafios para as sociedades modernas a partir das tensões de classes sociais, por exemplo, ou das

especializações profissionais que envolvem economistas, administradores entre outros na gestão dos planos de investimentos.

Há, no entanto, um aspecto a ser assinalado no desenvolvimento da abordagem comparativa sugerida pelo autor e que diz respeito ao entendimento da natureza do simbolismo e de sua relação com a realidade. Para ele, a dimensão simbólica do dom é usada nos investimentos estrangeiros para esconder as diferenças de interesses.

‘Surgen pues’ contradicciones entre las distintas expresiones (masivas y científicas), entre las distintas disciplinas especializadas, y entre las distintas ramas de la administración y la actividad privada, que se suman a la contradicción con la expresión de los dones de capital y las inversiones extranjeras como actos desinteresados y voluntarios (CASANOVA, 1950, p. 29; 2013, p. 242-243).

Neste ponto podemos sugerir que a leitura do simbolismo por Casanova se distancia de outros intérpretes clássicos de Mauss como Lévi-Strauss, para quem o simbolismo constitui a própria realidade. Aparentemente, o uso que faz Casanova do simbólico como algo que serve para ocultar as diferenças práticas no campo dos investimentos, sugere que há aqui a redução do simbolismo à ideologia. O simbólico é visto mais como um efeito de propaganda que esconde as divisões de grupos e classes que como a própria linguagem da realidade, passando a ideia dos investimentos estrangeiros como atos voluntários e desinteressados, reforçados pela propaganda.

Que efeitos práticos têm, então, esta leitura particular do autor sobre o simbólico para nossa compreensão das relações internacionais na América Latina? No nosso entender, ao adotar esta perspectiva analítica o autor pretende lembrar que a unidade ontológica do real oferecida pela obrigação contratual do dom existe somente na aparência. Pois para ele a realidade em si é formada por contradições de interesses que se expressam não somente pelas divisões de comunidades nacionais, mas igualmente por aquelas de classes e de especializações profissionais, visto que cada corporação profissional, como aquela dos economistas, busca defender um discurso abstrato que esconde a separação disciplinar (CASANOVA, 1957, p. 29; 2013, p. 243). E ele é explícito no que passa a ser uma leitura negativa do dom na contemporaneidade a analisar o fenômeno da cortesia:

La negación de la realidad se lleva a cabo al través de los símbolos y originalmente de la cortesía. La cortesía es una primera forma de negar y ocultar ciertas relaciones

de los fenómenos sociales. Hay relaciones "de las que no se habla", y en la cortesía "hay un entendimiento" de que las cosas no son como se dicen, hay una afirmación de que "por supuesto no son así (1957, p.30; 2013, p. 243).

Ou seja, se o autor entende o dom como um fenômeno instituidor nas sociedades ditas primitivas, por um lado, nas sociedades ditas modernas o dom aparece como uma síntese que dissimula as contradições da realidade social.

Por outro lado, deixando de lado o tema do simbolismo o autor entende que a divisão disciplinar ocultando a integração das disciplinas científicas também constitui um fenômeno de alienação. Nesta direção, para ele a ideia do fenômeno integral é importante para se guardar a integridade da ciência, em particular das ciências sociais:

El análisis económico - como el que se practica en otras ciencias sociales particulares - ha separado frecuentemente el fenómeno social económico de otros fenómenos sociales; pero de ahí ha pasado a elaborar con su propio material analítico, síntesis puramente económicas. En estas circunstancias hasta se ha llegado a olvidar que la economía es una ciencia social y hasta se ha reducido la sociedad a la economía, el hombre al "homo oeconomicus". (1957, p. 32; 2013, p. 245).

Por consequência, contra a redução das Ciências Sociais a disciplinas fragmentadas, o autor propõe um processo analítico e sintético do conhecimento social que valorize o fenômeno social total a partir de uma síntese que tem alguns marcos orientadores, a saber, a economia, a política, a ética, a estética e a religião (1957, p. 32; 2013, p. 246). Explica ainda que entende que as divisões das ciências sociais foram funcionais e necessárias para a análise dos fenômenos sociais, refletindo a divisão do trabalho científico e permitindo análises sintéticas de aspectos separados da realidade. Mas tal entendimento contribui para favorecer um entendimento separado das disciplinas e impedindo o desenvolvimento de uma ciência social em que a teoria e a prática estejam imbricadas (1957, p. 33; 2013, p. 247). Não podemos deixar de ver aqui uma contribuição importante à abordagem econômica da sociedade, em geral, e do desenvolvimento, de modo particular pois "El reconocimiento de este hecho es fundamental para el desarrollo de la ciencia social y para su constitución en una teoría que comprenda a la vez la práctica" (1957, p. 33; 2013, p. 247).

Enfim, a última parte de seu texto constitui uma contribuição epistemológica de grande valor para as ciências sociais descoloniais. Casanova propõe identificar três obstáculos

à compreensão científica do fenômeno social total, e que em conjunto contribuem para o que ele designa como neoprimitivismo das ciências sociais. O primeiro obstáculo é o da primitivização na síntese integral; o segundo, o da destecnificação no conhecimento integral e o terceiro o da atomização das relações como manifestação do idealismo.

A primitivização da saúde integral significa uma leitura simplificada pela qual o fenômeno total complexo das sociedades contemporâneas marcadas por forte diferenciação social é analisado a partir do prisma do fenômeno total das sociedades ditas primitivas. Tal reducionismo, explica o autor, gera dois tipos de erros teóricos: um deles é o de valorizar mais a indiferenciação que a diferenciação dos elementos em análise como as sociedades e grupos. Nesta perspectiva a dimensão relacional do dom fica limitada por um entendimento desfocado das instituições sociais. O outro erro teórico é produzido por aquelas correntes que valorizam a diferenciação dos elementos, mas que não conseguem estabelecer os nexos entre os mesmos. Por conseguinte, tendem a generalizar a perspectiva do fenômeno social total a partir de um único ponto de vista como o fazem os economistas quando buscam explicar a reprodução social apenas considerando a lógica econômica, ou os juristas a partir do Direito. Então esclarece o autor que o esforço de defender certa racionalidade nada mais é que a prova de um irracionalismo fundado na impossibilidade de se explicar o todo por uma parte que transcenderia o todo. Adianta o autor, afirma que esta lógica reducionista tem sido aplicada por aqueles que se propõem realizar análises éticas dos investimentos estrangeiros, como se fossem atos voluntários e gratuitos, e desvalorizando o interesse econômico subjacente ao fenômeno dos investimentos. Enfim, Casanova avalia que tais teorias traem os fundamentos simbólicos do dom na medida em que suas construções lógicas não permitem se realizar a síntese transcendente e formal como também não permite compreender as relações contraditórias envolvendo os elementos separados.

Sobre a destecnificação do conhecimento, ele lembra que é outra dificuldade do que chama a corrente integrista na medida em que a nova divisão do trabalho intelectual e os problemas postos pela especialização e pela cultura exigem se considerar o valor da técnica do conhecimento. Quanto ao terceiro ponto, o da atomização das relações como manifestação do idealismo, ele sugere um método integrador que permita se fazer as correlações dos

elementos sinérgicos de um fato integral e que considere as dificuldades postas por fenômenos contraditórios. Ele lembra que as tendências neoprimativistas negligenciam a grande quantidade de elementos que constituem nossa realidade e, afirma a importância da teoria social compreender e integrar a prática, a política e a planificação.

Finalmente, para concluir esta reflexão gostaria de assinalar alguns elementos, considerando que ele introduz a teoria maussiana para analisar os investimentos estrangeiros e as ciências sociais na América Latina a partir de dois postulados: aquele da dádiva e aquele do fenômeno social total. No nosso entender, Casanova explora com grande oportunidade a ideia de fenômeno social total para fazer a crítica das teorias simplificadoras – ou neoprimativistas – que não incluem um entendimento complexo da realidade social. Nesta perspectiva, a reflexão de Casanova constitui uma crítica epistemológica relevante e da maior atualidade, quando consideramos o quanto a especialização disciplinar pode levar a um esvaziamento do caráter teórico e moral e a uma exacerbação da dimensão técnica dos modelos de análise. Afinal, não é isto que estamos presenciando hoje com muitas das disciplinas de economia ministradas nas universidades?

Por outro lado, no que diz respeito ao uso da teoria da dádiva para analisar os investimentos estrangeiros, a reflexão de Casanova, no nosso entender, parece oscilar entre o reconhecimento das contradições sociais estimulados pela análise marxista e o reconhecimento de consensos que nos sugerem a circulação da dádiva. Nesta oscilação, nos pareceu que o autor tende a ver a dádiva no campo dos investimentos estrangeiros mais como uma ideologia que como um dispositivo de organização dos contratos coletivos. No nosso entender, pois, o autor poderia ter resgatado outro entendimento da dádiva nos fenômenos das trocas econômicas internacionais caso aprofundasse o entendimento do dom como símbolo necessário ao contrato e à troca entre parceiros internacionais independentemente de lógicas contraditórias ou consensuais. Mas este comentário não elimina, claro, a originalidade e o pioneirismo do texto em análise. Apenas aponta para os desdobramentos deste fértil campo de pesquisa que foi inaugurado pelo autor a partir da abordagem maussiana.